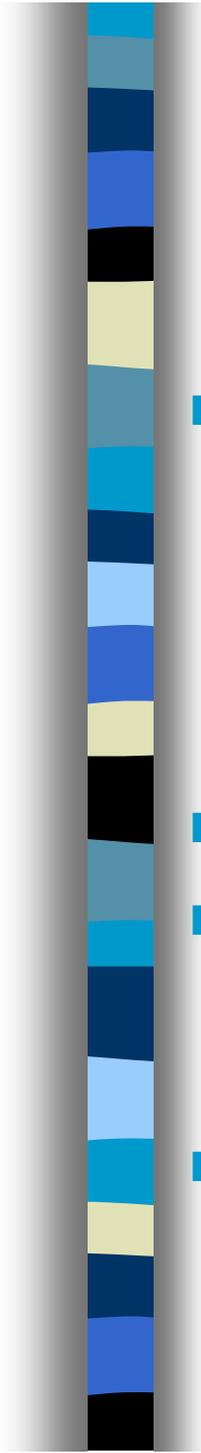


Compreensão na leitura

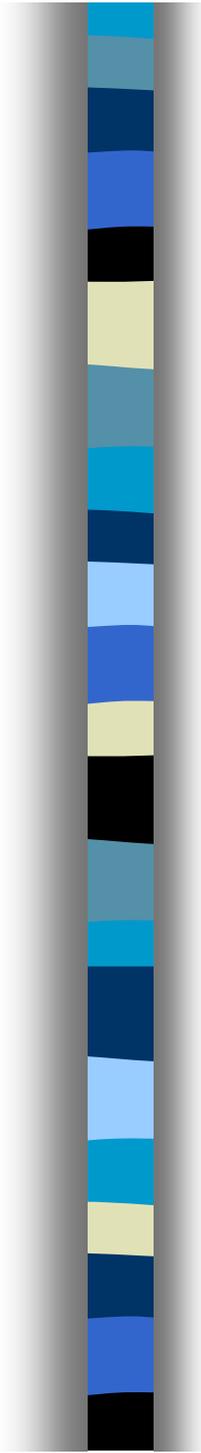
Delaine Cafiero Bicalho

Doutora em Linguística pela UNICAMP;
Professora da Faculdade de Letras da UFMG
E.mail: delainecafierobicalho@yahoo.com.br



Objetivos

- Considerando que a leitura é um processo complexo em que o leitor realiza um conjunto de ações cognitivas e sociais, vamos tratar do ensino de leitura. Os objetivos principais são
- (1) refletir sobre as ações envolvidas na leitura;
- (2) sugerir possibilidades para ampliar o universo de leituras dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental;
- (3) mostrar que é importante continuar ensinando a ler em todos os anos e níveis de ensino.



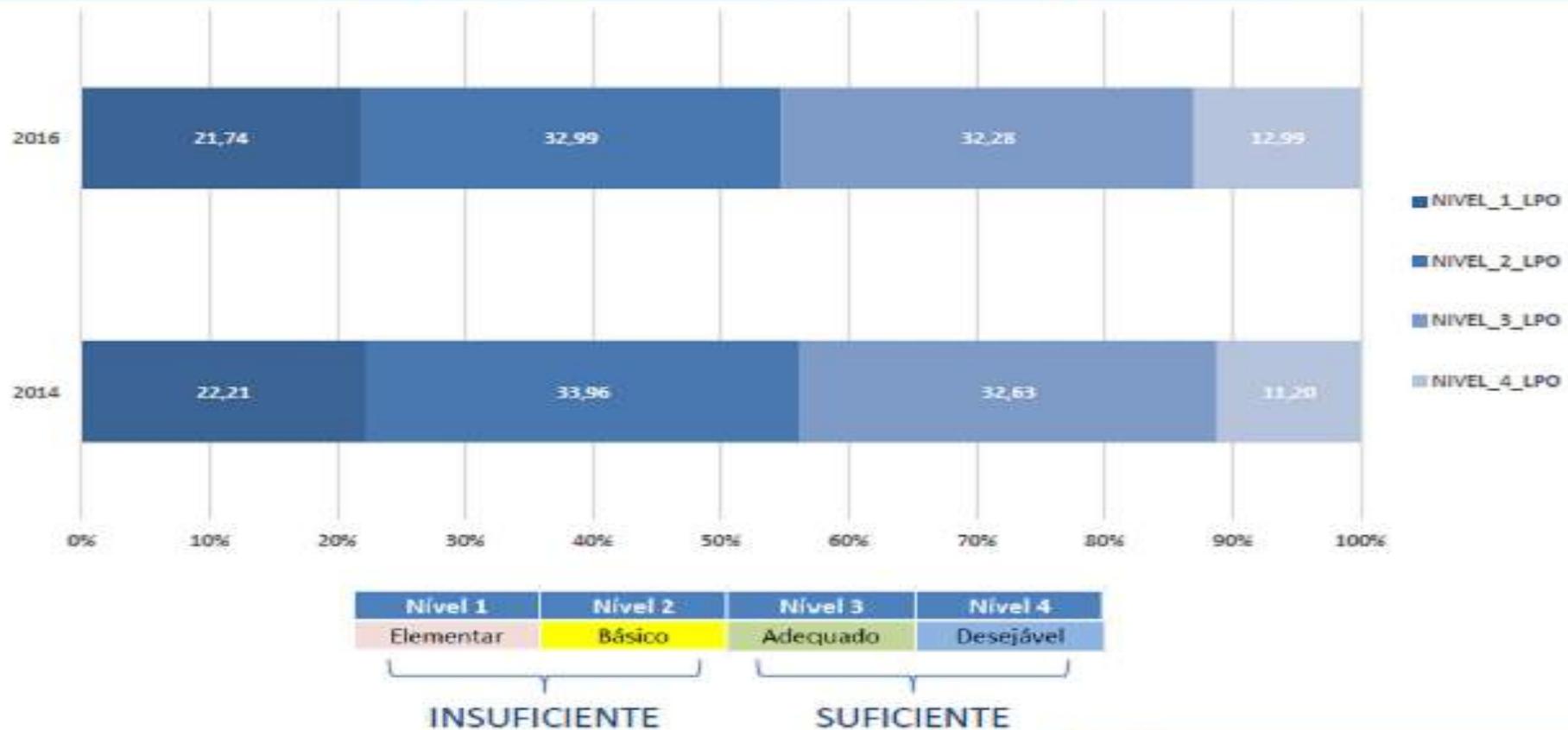
Ponto de partida para refletir

RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES

- SAEB/Prova Brasil /SAEB/ANA
- SIMAVE (PROEB- PROALFA)
- Indicam que há um entrave que não deixa a população chegar aos níveis mais altos de alfabetismo.

Exemplos →

LEITURA – RESULTADOS BRASIL – SAEB/ANA 2016



INEP

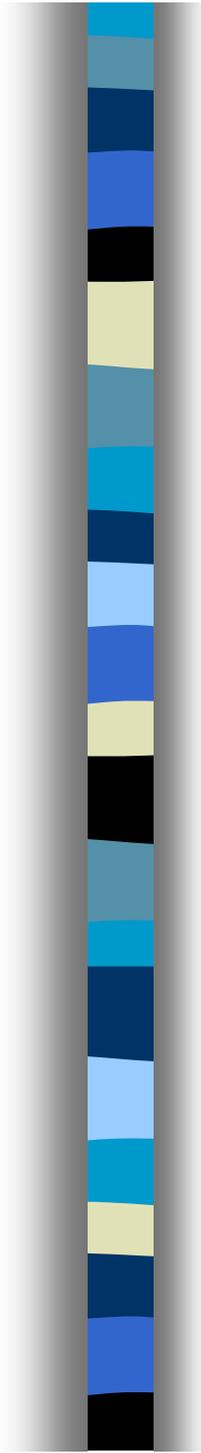
MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Em 2016, na avaliação de crianças no 3º. ano de escolaridade :

45,27 Suficiente

54,73 Insuficiente



Série de 10 anos do Indicador de Alfabetismo Funcional traz conclusões interessantes e preocupantes

(Inaf é uma avaliação não escolar de pessoas de 15 a 64 anos)

- Ao longo dos anos pouco diminui a porcentagem de analfabetos funcionais (os que estão nos níveis mais baixos de alfabetismo).
- Quanto maior a escolarização, maior também é a probabilidade de os sujeitos alcançarem os níveis mais altos de alfabetismo (INAF-BRASIL, 2011, p. 10).
- **Por outro lado**, os números indicam que há pessoas que terminam o Ensino Médio e o Superior que não atingem o Nível Pleno de alfabetismo.

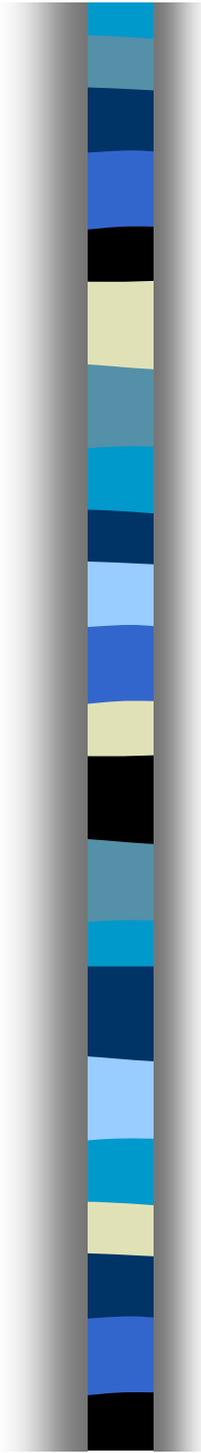
Tabela II

Nível de alfabetismo da população de 15 a 64 anos por escolaridade da população em 2011

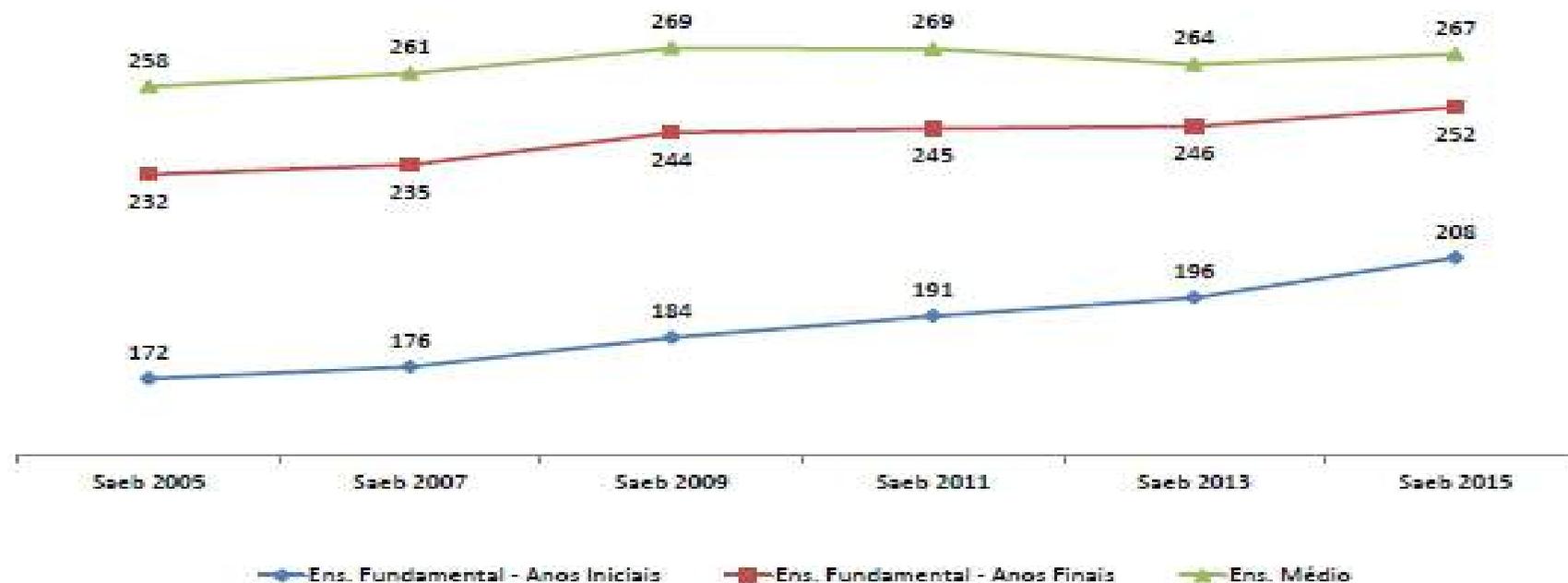
Níveis		Escolaridade				
		Nenhuma	Ensino Fundamental I	Ensino Fundamental II	Ensino Médio	Ensino Superior
BASES		158	378	476	701	289
Analfabeto		54%	8%	1%	0%	0%
Rudimentar		41%	45%	25%	8%	4%
Básico		6%	43%	59%	57%	34%
Pleno		0%	5%	15%	35%	62%
Analfabeto e Rudimentar	Analfabeto funcional	95%	53%	26%	8%	4%
Básico e Pleno	Alfabetizado funcionalmente	6%	48%	74%	92%	96%

No Ensino Médio, 8% no Nível Rudimentar
 No Ensino Superior, 4% no Nível Rudimentar

Como alguém pode chegar ao final desses dois segmentos de ensino e ser considerado praticamente analfabeto?

- 
- Passar de onze a quinze anos na escola deveria, em princípio, habilitar o sujeito ao mais alto de habilidades e isso poderia favorecer sua participação mais ativa na cultura letrada e o direito de exercer sua cidadania.
 - Mas, a pesquisa mostra que somente 35% dos que têm Ensino Médio e 62% dos que têm Ensino Superior chegam a esse nível.

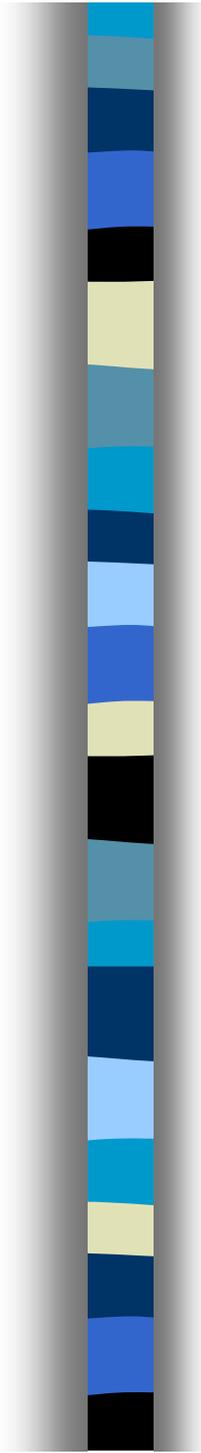
Evolução dos resultados do Brasil no Saeb (2005 a 2015) Proficiências médias em Língua Portuguesa



Fonte: Diretoria de Avaliação da Educação Básica – DAEB/INEP

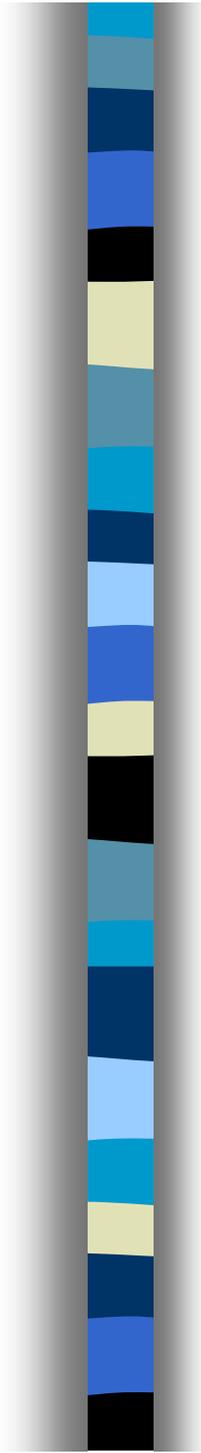


Melhora o desempenho dos alunos dos Anos Iniciais E.F 1.
Ligeira melhora nos Anos EF 2.
Ensino Médio praticamente estagnado.



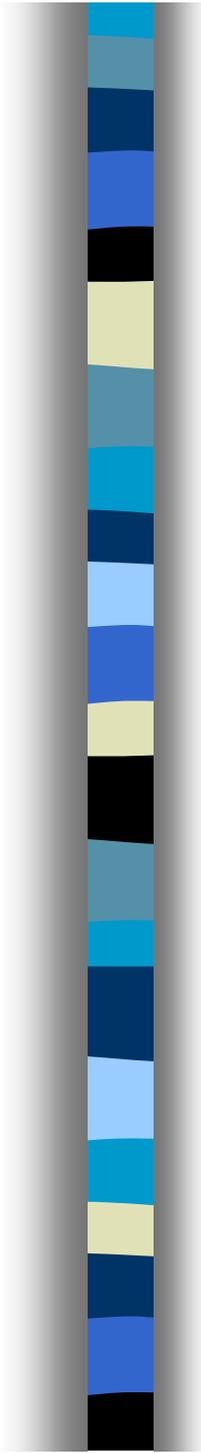
Perguntas

- O que pode levar sujeitos a não alcançarem os níveis mais altos de desempenho mesmo quando avançam em anos na escolarização?



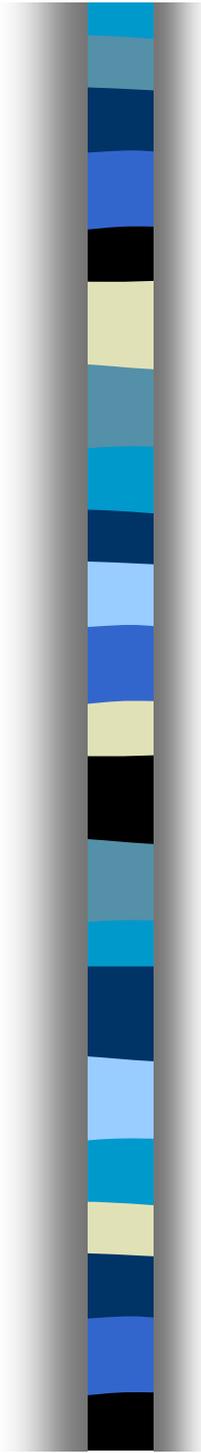
Hipótese

- Sem desconsiderar diversos outros fatores, como os econômicos e sociais, que também podem ter poder explicativo, defendemos que
- práticas escolares marcadas por concepções redutoras de linguagem, língua e de leitura limitam o desenvolvimento de habilidades e inibem o processo de formação de leitores competentes.



Hipóteses

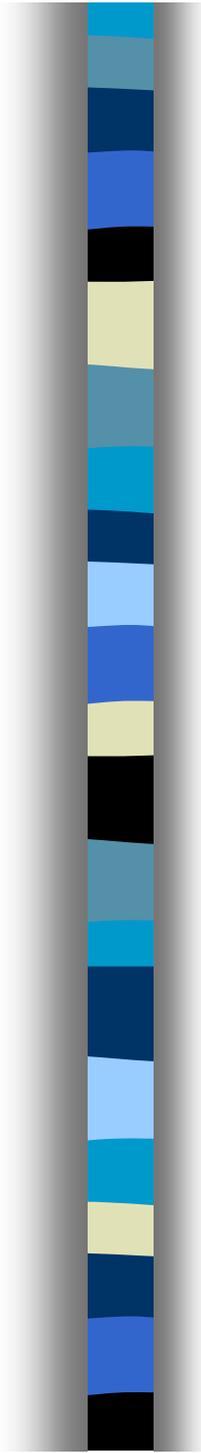
- Mesmo tendo passado pela escola, sujeitos podem não saber ler porque aprenderam que ler é apenas decodificar o escrito.
- Um trabalho pedagógico circunscrito a alguns textos, que não considera a diversidade de produções que circulam socialmente, reduz as chances de formação de leitores plenos.

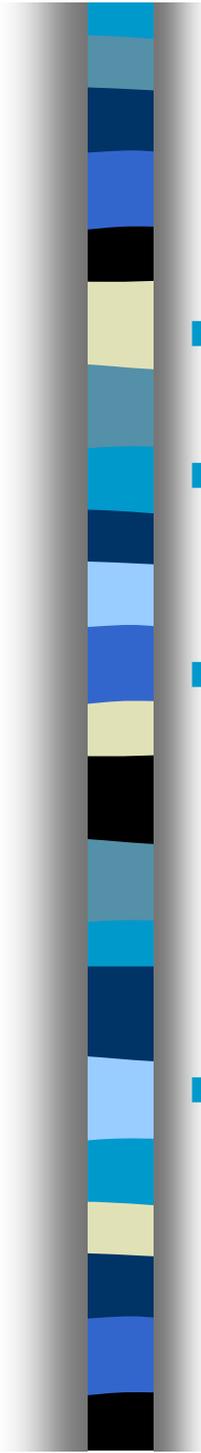


Quadro de leitura identificado nas avaliações sistêmicas

- Grande parte dos brasileiros leem apenas textos curtos (ou, no máximo, de média extensão), em geral, narrativas e
- realizam operações como as de localizar e identificar informações.
- A leitura de textos longos, de tipologias e de gêneros variados e o desenvolvimento de habilidades mais complexas de leitura como as de comparar, avaliar e criticar diferentes textos ficam limitados a poucos brasileiros.

MAS

- 
- Até que ponto textos longos, de diferentes tipos e diferentes gêneros são ensinados?
 - Ensina-se mesmo a ler depois do anos iniciais?
 - Ou apenas se avalia a leitura?
 - Retire do texto, busque no texto, leia três vezes...



O que leem os alunos?

- O que são textos simples?
- Textos curtos são, necessariamente, mais fáceis do que textos longos?
- Por que, os alunos somente conseguem ler narrativas curtas?
 - A narrativa é efetivamente um tipo mais fácil de ler ou estaria faltando um trabalho mais intensivo e sistematicamente organizado nas práticas escolares com outros tipos de textos (descritivo, expositivo, argumentativo) e com estratégias de leitura de textos longos?
- Até que ponto o trabalho com os textos, nos diversos segmentos de escolaridade, tem contemplado a leitura de diferentes gêneros e tipos, de tamanhos diferentes, de temas próximos e distantes do leitor, de estrutura simples e complexa?

Texto que caracteriza nível mais alto de leitura?



O cachorro, o tigre e o macaco

Um cachorrinho perdido na selva vê um tigre correndo em sua direção. Pensa rápido, vê uns ossos no chão e se põe a mordê-los. Então, quando o tigre está pronto para atacá-lo, o cachorrinho diz:

- Ah, que delícia este tigre que acabo de comer!

O tigre pára bruscamente e sai apavorado, correndo da "fera", pensando com seus botões: "Que cachorro bravo! Por pouco não devora a mim também!".

Um macaco, que havia visto a cena, sai correndo, atrás do tigre e conta como ele fora enganado. O tigre furioso diz:

- Cachorro maldito! Vai pagar caro por isso!

O cachorrinho vê que o tigre novamente vem atrás dele, dessa vez trazendo o macaco em suas costas, e pensa: "Ah, macaco traidor! O que eu faço agora?". Quando o tigre está a ponto de atacá-lo, o cachorrinho diz:

- Macaco preguiçoso! Faz meia hora que eu mandei ele me trazer um outro tigre e ele ainda não voltou!

(autor desconhecido)

Qual das duas frases a seguir resume melhor a mensagem do texto? Por quê?

- a) Em momentos difíceis, a imaginação pode ser mais importante que a força.
- b) Os pequenos amigos podem se revelar os melhores e mais leais aliados.

A complexidade do texto não se refere somente ao seu tamanho, sintaxe, seleção de palavras

É complexo porque construído a partir de figuras concretas que levam a um plano de leitura mais profundo, um plano temático.

Aparentemente é a história de um cachorro, um tigre e um macaco; mas, como texto figurativo que é, seus elementos concretos criam um efeito de realidade ao caracterizar uma imagem de mundo a partir da análise de relações humanas.

A compreensão dele exige conhecimentos do leitor.

TEXTO considerado SIMPLES no SAEB

Namoro

O melhor do namoro, claro, é **o ridículo**. Vocês dois no telefone:

- Desliga você.
- Não, desliga você.
- Você.
- Você.
- Então vamos desligar juntos.
- Tá. Conta até três.
- Um... Dois... Dois e meio...

Ridículo agora, porque na hora não era não. Na hora nem os apelidos secretos que vocês tinham um para o outro, lembra? Eram ridículos. Ronron.

Suzuca. Alcizanzão. Surusuzuca. Gongonha (Gongonhal) Mamosa. Purupupu-ca...

Não havia coisa melhor do que passar tardes inteiras num sofá, olho no olho, dizendo:

- As dondozeira ama os dondozeiro?
 - Ama.
 - Mas os dondozeiro ama as dondozeira mais do que as dondozeira ama os dondozeiro.
- Na-na-não. As dondozeira ama os dondozeiro mais do que, etc.

E, entremeando o diálogo, longos beijos, profundos beijos, beijos mais do que de línguas, beijos de amígdalas, beijos catetéricos. Tardes inteiras. Confesse: ridículo só porque nunca mais.

Depois de ridículo, o melhor do namoro são as brigas. Quem diz que nunca, como quem não quer nada, arquitetou um encontro casual com a ex ou o ex só para ver se ela ou ele está com alguém, ou para fingir que não vê, ou para ver e ignorar, ou para dar um abano amistoso querendo dizer que ela ou ele agora significa tão pouco que podem até ser amigos, está mentindo. Ah, está mentindo.

E melhor do que as brigas são as reconciliações. Beijos ainda mais profundos, apelidos ainda mais lamentáveis, vistos de longe. A gente brigava mesmo era para se reconciliar depois, lembra? Oito entre dez namorados transam pela primeira vez fazendo as pazes. Não estou inventando. O IBGE tem as estatísticas.

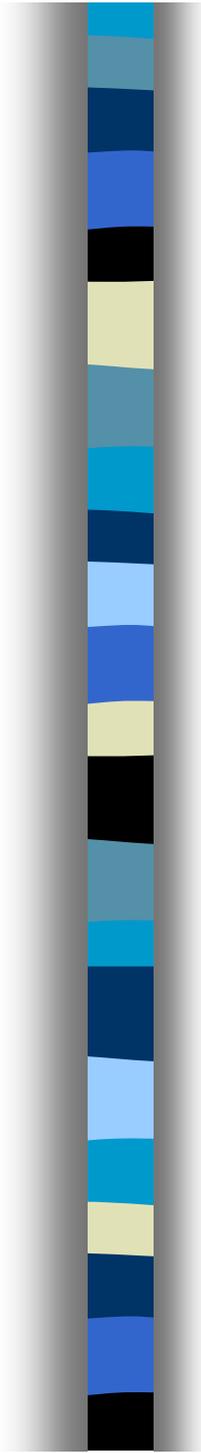
VERÍSSIMO, Luís Fernando. Correio Braziliense. 13/06/1999.

No texto, considera-se que o melhor do namoro é o ridículo associado

- (A) às brigas por amor.
- (B) às mentiras inocentes.
- (C) às reconciliações felizes.
- (D) aos apelidos carinhosos.
- (E) aos telefonemas intermináveis.

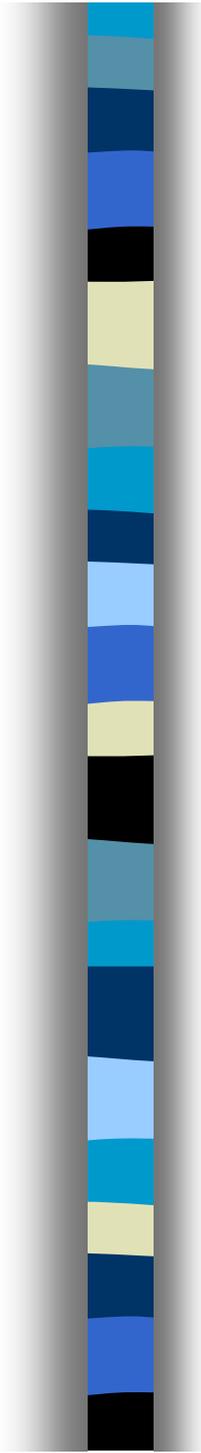
“os que escolheram a alternativa correta demonstraram competência de leitura de **textos simples** e souberam seguir as pistas linguísticas necessárias para **localizar a informação pedida**”.

O texto de Veríssimo pode mesmo ser considerado simples? Simples para quem? Que conhecimentos o leitor precisa ter para compreender? É um texto curto?



Para além das avaliações

- No exercício do cotidiano, há pessoas que carregam conhecimentos, objetivos, necessidades, potencialidades e limitações.
- A leitura é ponto de contato entre o leitor e o mundo. É porta para as opiniões sobre esse mundo e a cultura gerada nele.



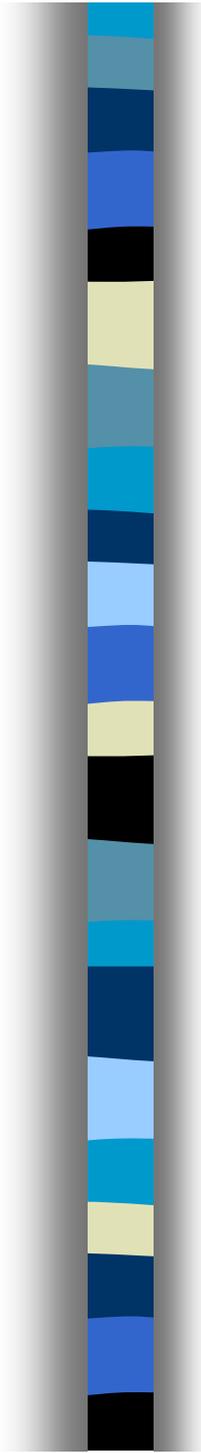
Uma distinção importante

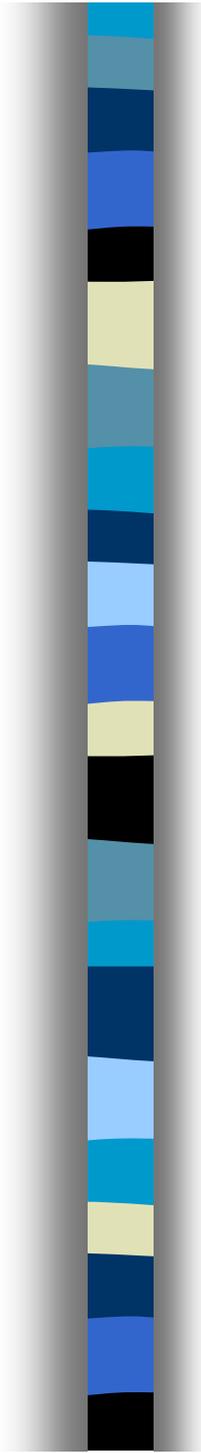
■ Alfabetismo

- Palavra criada para qualificar o indicador de analfabetismo funcional. Expressão popularizada pela (Unesco) que tem sido empregada nas estatísticas oficiais brasileiras (RIBEIRO, LIMA, BATISTA, 2014, p. 14).
- Refere-se à medida de habilidades de um teste

■ Letramento

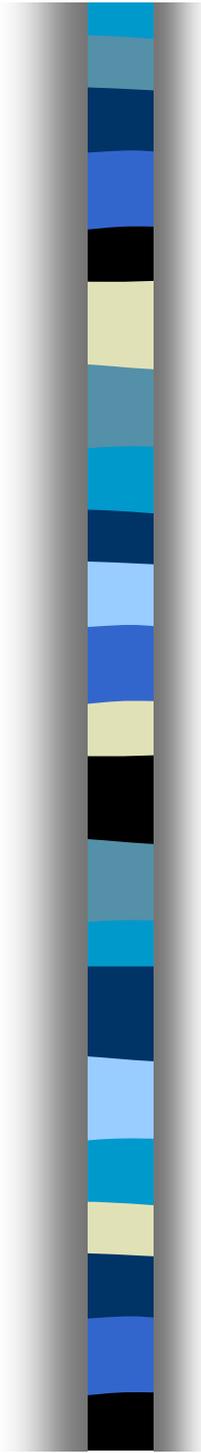
- *Faceta* interativa e sociocultural da língua escrita (SOARES, 2016, p. 29)

- 
- Maus leitores terão dificuldades de acesso a informações em sua vida pessoal e profissional.
 - Poderão ser enganados,
 - Poderão não conseguir postos de trabalho.



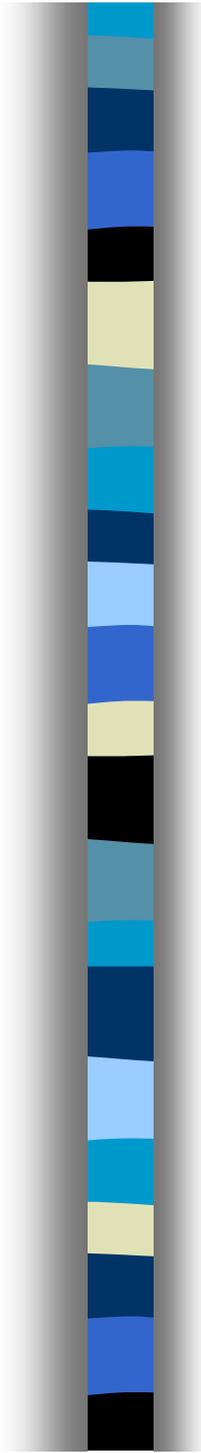
A leitura na escola e na vida

- Os currículos das escolas deveriam considerar os alunos
 - Onde eles vivem?
 - De que gostam?
 - O que conhecem?
 - Que textos circulam nos espaços em que eles circulam?



Para a escola cumprir seu papel

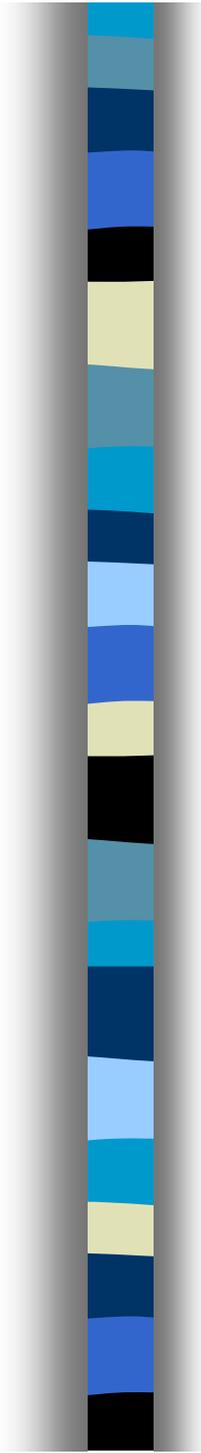
- O ideal seria que houvesse, ao final de cada segmento de ensino, um aumento significativo na competência de leitura do aluno, ou que todos os alunos aprendessem a ler.



Se isso não está acontecendo...

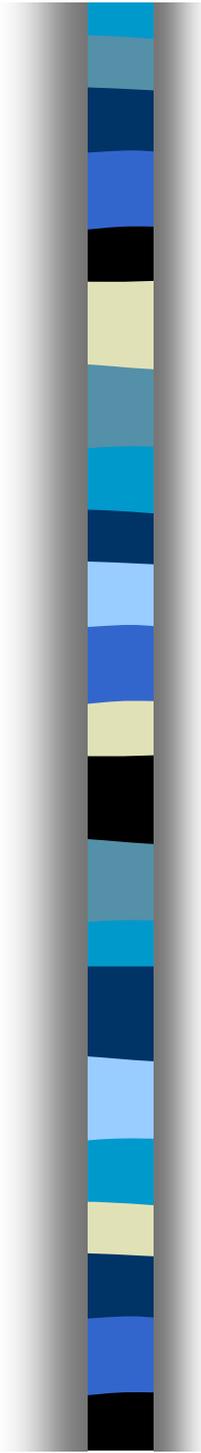
- ...é preciso perguntar:

- Por que os alunos não estão aprendendo? (o problema é deles mesmo?)
- Que conhecimentos, competências e habilidades os alunos precisam dominar ao concluir cada segmento para serem bem sucedidos em suas atividades sociais?
- Há clareza sobre essa definição?
- Os currículos e documentos que norteiam o ensino explicitam o que precisa ser ensinado ou cada escola (cada sistema) está ensinando o que pensa que deve ser ensinado?
- A escola tem um currículo ou segue o sumário do Livro Didático?



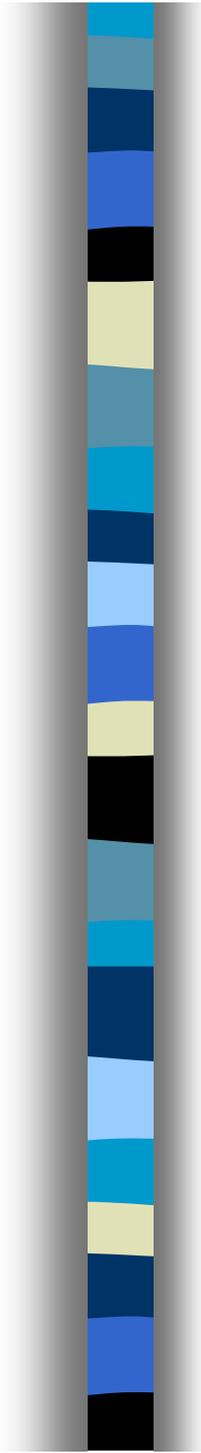
Para nós

- O problema está nas concepções que têm ancorado o ensino de leitura.
 - É preciso investir no LETRAMENTO.
- Práticas redutoras ≠ **Práticas interativas**
 - (SILVA; KLEIMAN; SOLÉ entre outros)



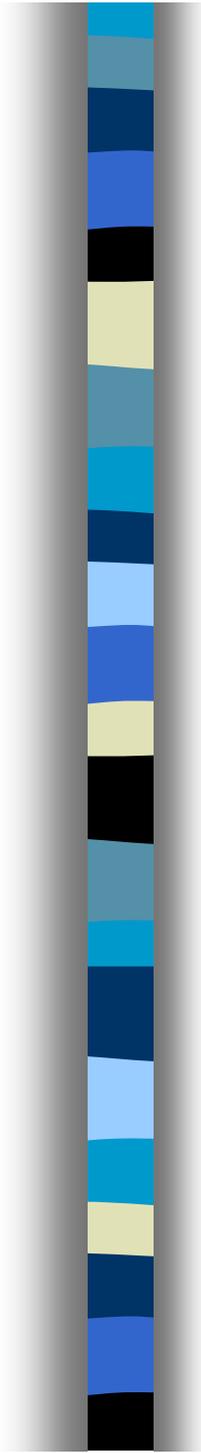
Práticas redutoras

- ler é *traduzir a escrita em fala*,
- ler é apenas ler em voz alta, compreendida, assim, como ação de apenas oralizar o que está escrito;
- ler é *decodificar mensagens*, o leitor é um mero recebedor passivo a quem cabe “engolir as mensagens dos múltiplos textos”; *dar respostas a sinais gráficos*;
- *extrair a ideia central*;
- *seguir passos da lição do livro didático*;
- *apreciar os clássicos*, sem reconhecer a importância da leitura de outros textos.



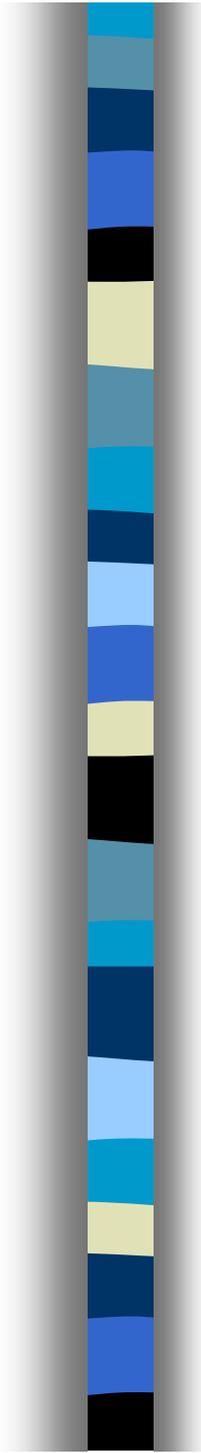
Práticas interativas

- Ler é sempre uma prática social que permite a interação
 - com o outro, com os outros
- Ler é produzir sentido(s), compreender, interpretar **os diferentes textos que circulam socialmente.**



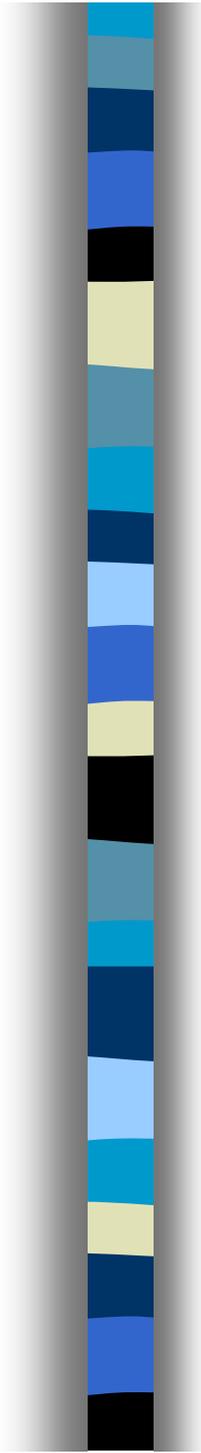
É preciso afinar as concepções de língua e de ensino de língua

- A clareza de que a língua não é um objeto pronto, aprisionado numa estrutura fixa, vai impactar o ensino de leitura.
- A língua é objeto multifacetado
 - Facetas linguística, interativa, sociocultural
(Soares, 2016)
 - Cada uma das facetas exige ações específicas no ensino

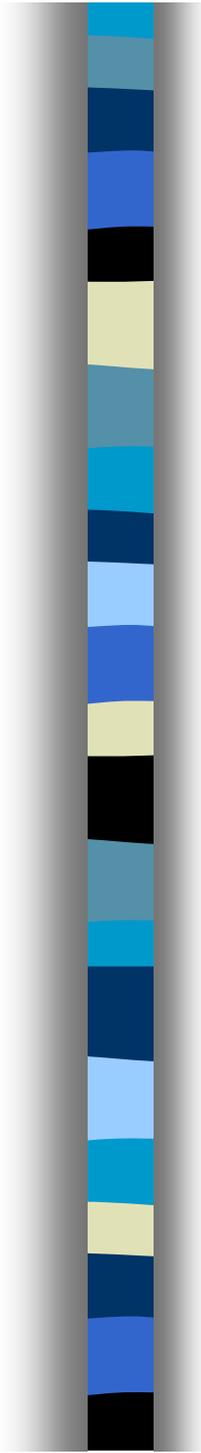


Ações na leitura

- Ler passa pela decodificação (faceta linguística da alfabetização), mas vai muito além.
- Exige
 - compreensão e crítica (facetadas interativa e sociocultural).

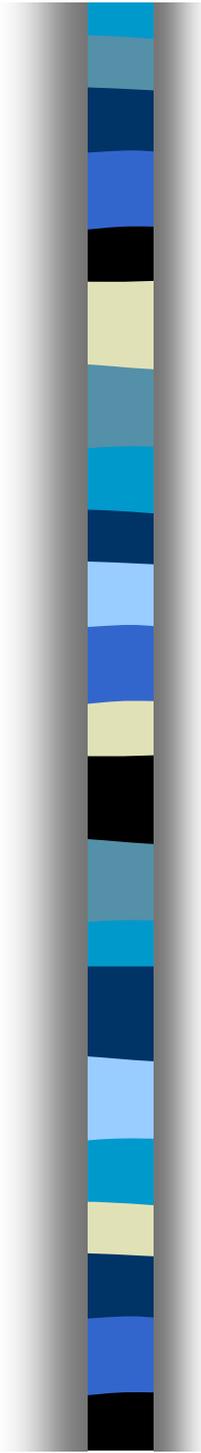
- 
- No início do processo de alfabetização, a decodificação é uma meta importante a se alcançar, mas são importantes também:
 - A organização do texto,
 - as relações tecidas em seu interior,
 - a seleção de palavras,
 - a organização sintática,
 - a cadeia referencial

Para que o leitor aprenda a reconhecer como como as ideias são conectadas, como se relacionam com o mundo.



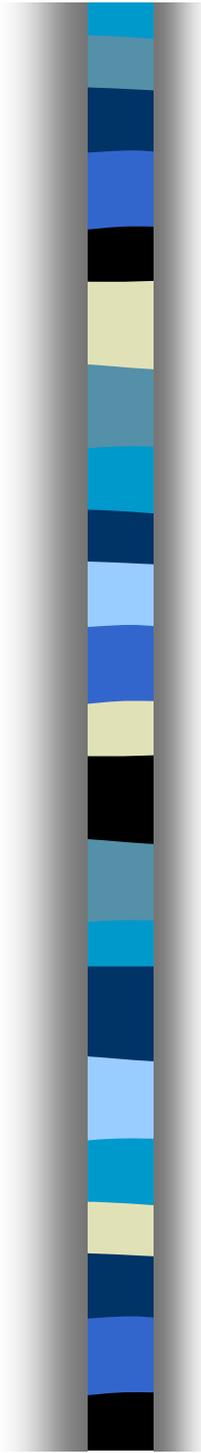
Compreender

- Compreender é entender significados, produzir sentidos e perceber efeitos de sentidos
- Significado → construção coletiva, o que vai para os dicionários
 - FLOR é “órgão reprodutor das angiospermas, de estrutura complexa que, quando completa, é constituída por um ou mais pistilos e estames, corola (coletivamente, todas as pétalas) e cálice (coletivamente, todas as sépalas)”
- Sentidos → construções mais individuais, depende do contexto, dos conhecimentos do leitor, do momento em que está lendo.
 - Você é uma flor.
- Efeito de sentido → interpretação do que alguém quis dizer. Por que x no contexto y está me chamando de flor? (elogio, ironia?)



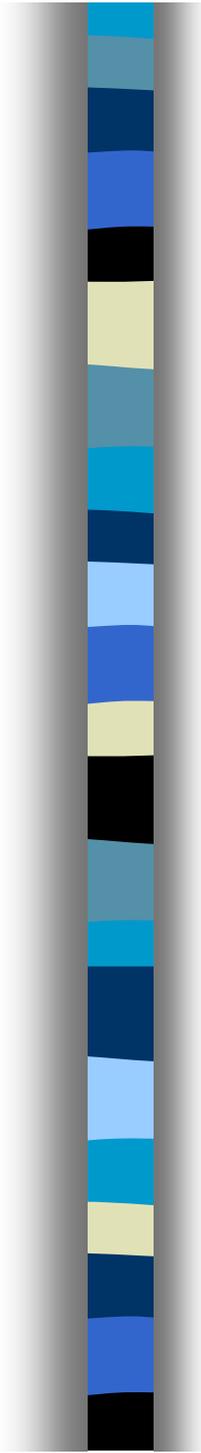
Para aumentar a compreensão

- Investir no leitor:
 - Ativar conhecimentos
 - Fixar objetivos
 - Ensinar diferentes modos de leitura (dependendo do gênero)
- Em relação ao texto –
- Selecionar texto de diferentes gêneros
 - Observar se o texto é curto ou longo, se é de tema próximo ou distante do universo do aluno, se nele há palavras pouco frequentes na língua, se a estrutura sintática é inversa, com períodos longos. Observar também como o texto se organiza em sua estrutura (é narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, dialogal, injuntivo); que gênero é (notícia, conto, fábula, bilhete, lista etc.); como é construída sua materialidade linguística (os recursos que promovem sua coesão); que papel cumprem as imagens: fotos, gráficos, tabelas, desenhos.



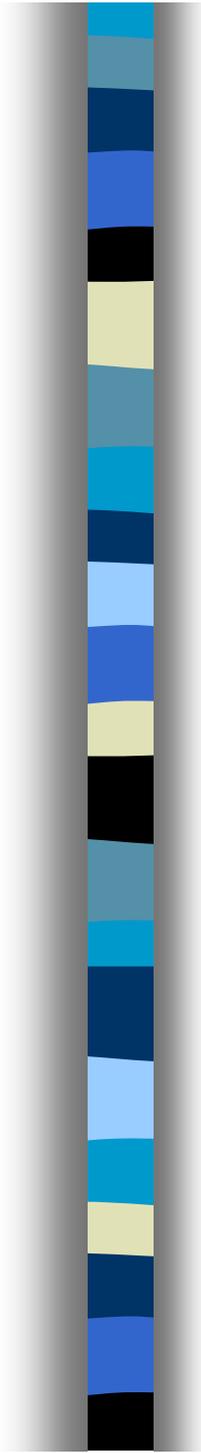
Ensinar a criticar

- Quem aprende a criticar pode questionar o sistema e atuar para transformá-lo, lutando contra injustiças e desigualdades sociais (CASSANY, CASTELÁ, 2010). O leitor crítico pode fugir da manipulação e do estereótipo, pode fugir da notícia falsa ou sensacionalista
- Ovo faz bem ou faz mal para saúde?
- E café?
- Óleo de coco emagrece mesmo?
- Ensinar a criticar é ensinar a fazer perguntas, a duvidar do que leu. A não acreditar que só porque deu no jornal é verdade.



Concluindo

- Não há nada de simples na tarefa de leitura e não há passividade na tarefa do leitor.
- Ler é trabalhoso tanto para quem aprende quanto para quem ensina.
- Há um grande desafio a ser enfrentado para formar leitores proficientes e as aulas de leitura de todas as disciplinas, em todos os anos de escolaridade, podem contribuir para essa formação.



Referências

- KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.
- RIBEIRO Vera M R; LIMA, Ana Lúcia; BATISTA, Antônio Augusto. *Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do INAF*. Belo Horizonte: Autêntica 2015.
- SILVA, E.T. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. In: PERSPECTIVA. Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun. 1999.
- SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.